

ATRASOS SALARIAIS

Professores entregam abaixo-assinado à Reitoria

Na quinta-feira, 27/11, uma comissão de professores, junto com a diretoria da APROPUC, entregou à Reitoria um abaixo-assinado em que os professores da PUC manifestavam a sua indignação diante de seis meses de atrasos salariais. Os docentes exigem também que o pagamento do 13.º salário seja feito neste ano nas datas previstas por lei (1.ª parcela 30/11, 2.ª parcela em 20/12).

Apesar de estarmos no final de semestre e do pouco tempo em que o texto ficou à disposição para a assinatura dos professores, cerca de 330 docentes assinaram o documento.

Preocupação dos docentes

O abaixo assinado foi recebido, na ausência do reitor, pela vice-reitora acadêmica professora Raquel Raichelis Degenszajn. Na oportunidade, a professora Priscilla Cornalbas, presidente da APROPUC, externou a preocupação dos professores com a situação da universidade e com as possíveis medidas que poderão ser tomadas no período de recesso acadêmico. Nesse sentido, a presidente da entidade dos professores solicitou o agendamento de uma reunião com a Reitoria, antes do período de férias, para discutir as perspectivas da direção da universidade em relação aos docentes para o ano de 2004.

Respondendo aos professores, a



ALICIA PERES

A presidente da APROPUC, Priscilla Cornalbas, entrega à vice-reitora acadêmica Raquel Raichelis o abaixo-assinado dos professores

vice-reitora acadêmica declarou compartilhar das inquietações, mas garantiu que não será tomada nenhuma decisão que envolva a política acadêmica da universidade durante o período de recesso. Quanto ao pagamento de salários em dia, a professora Raquel declarou ser esta a preocupação primeira da Reitoria.

Segundo a professora, a situação da PUC é peculiar no universo das instituições de ensino do país, e o seu modelo educacional diferenciado tem que ser aceito pela sociedade. Porém, ressaltou a vice-reitora, “não iremos resolver os problemas da instituição sem a adoção de novas estratégias”.

Segundo a avaliação dos professores na última assembléia da APRO-

PUC, o primeiro semestre de 2004 deverá trazer novos e mais profundos embates para a categoria. Nesse sentido, a entidade salienta que os professores devem estar atentos e prontos para novas mobilizações.

13.º pago com empréstimo

Na reunião do Conselho Universitário (Consun) de 26/11, o reitor Antonio Carlos Ronca informou que a primeira parcela do 13.º salário de professores e funcionários, creditada na sexta-feira, 28/11, pôde ser paga através de um empréstimo conseguido junto ao Banco Real.

Que luta, professor!

O recebimento parcelado dos salários e a persistência dessa situação durante seis meses tocaram em um ponto essencial: a crise financeira anunciada pela Reitoria atingiu a fonte do trabalho.

O salário é o único bem do trabalhador. Recebemos por nosso trabalho o necessário para a existência. Diga-se de passagem, cada vez mais difícil pelas exigências econômicas e sociais do capitalismo.

A ameaça de redução contratual e mesmo de demissão, embutida no pacote de medidas da Reitoria, trouxe o outro ponto essencial: garantia do emprego. A natureza de nosso trabalho também não nos é indiferente. Não há ninguém mais interessado na qualidade do ensino do que aqueles que tenham profunda identidade com o conhecimento e com a aprendizagem.

Não desconhecemos as relações que alienam a consciência e a atitude de uma parcela de trabalhadores da educação. Há quem, inclusive, não queira ser identificado como professor-trabalhador. Mas a realidade objetiva do trabalho e do assalariado encarrega-se de desfazer o elitismo.

Estamos falando nestes termos porque a crise financeira mostrou o quanto dependemos de nossos salários e emprego. E o quanto esse fator econômico e existencial

está ligado à defesa do ensino. É isso mesmo – o ensino tem de ser defendido contra as tendências mutiladoras do capitalismo, que se desintegra.

As manifestações coletivas de 12/11, exigindo pontualidade salarial, emprego e condições de ensino, ocuparam os corredores da PUC e adentraram as salas de aula. Logo um grito de protesto ressoou – “Que vergonha, professor!”.

Não havia conotação moral sobre a indignidade de dar aula com os salários atrasados e contra a decisão coletiva de nossa assembléia. O sentido objetivo do “Que vergonha, professor” era e é de defesa do trabalho e do ensino. Um chamamento à defesa da necessidade coletiva dos trabalhadores em educação da PUC e defesa do princípio de que o salário é a fonte de existência dos trabalhadores em geral.

Esse princípio deve ser defendido acima de qualquer individualismo ou cômoda situação particular desse ou daquele professor. É com esse mandato que o movimento entrou nas salas cumprindo a deliberação da assembléia de paralisação geral.

Estamos terminando o semestre com luta e vamos retomá-la com maior energia.

Erson Martins,
Diretor da Apropuc.

A MOBILIZAÇÃO DOS PROFESSORES

As manifestações dos professores, ocorridas nos dias 12 e 13/11, suscitaram vivo debate entre a comunidade puquiãna. Em alguns setores, como a Faculdade de Economia e Administração, as opiniões circularam de maneira viva e democrática, tanto via Internet como por meio de cartas enviadas às associações, dando conta de aspectos positivos e negativos que

envolveram a paralisação.

Poucos, dentro desta universidade, ficaram impassíveis diante da situação dos docentes, denunciada pela APROPUC. A luta e as inquietações dos professores são o tema das páginas especiais desta edição, onde reproduzimos, com a devida autorização dos signatários, os textos que circularam na PUC nesses dias.

ROLAND VERAS SALDANHA JR.

Que vergonha, professor!

Sem a pretensão de repercutir e, portanto, premiar os atos de abuso e truculência ocorridos na noite de 12/11/2003 no Prédio Novo do campus Monte Alegre, ofereço breve relato testemunhal e nota de esclarecimento.

Já havia ministrado cerca de meia hora de aula, sala 209, quando ruídos de apitos e vozes começaram a ser ouvidos, ainda longínquos, no corredor. A sala estava absolutamente repleta, alguns alunos do segundo horário antecipavam minha aula, por já terem concluído o curso da disciplina do primeiro horário.

De certa forma habituado aos baru-

lhos usuais nos corredores desta universidade, inicialmente elevei o tom de voz, para que fosse possível continuar com a matéria sem prejuízo aos alunos sentados no fundo. Como a algazarra não cessava de aumentar, intuitivos, eu e meus alunos, tratar-se de uma manifestação de professores. De fato, havia cartazes em algumas paredes do prédio, conclamando a uma manifestação entre as 19h e as 19h30 no Pátio da Cruz...

A turba finalmente chegou próxima à sala e, no intuito de evitar qualquer confronto direto, solicitei que a porta fosse fechada, paralisando a aula para esperar a passagem dos manifes-

tantes. Os alunos estavam compenetrados, falávamos àquele momento dos problemas econômicos associados às limitações de racionalidade e ao comportamento oportunista. Esperávamos em silêncio.

As vozes agora eram claras. Gritava-se, em coro: “que vergonha, professor! Que vergonha, professor!”. A tensão aumentou na sala à medida que se percebeu terem “acampado” os manifestantes no corredor. Apenas aguardamos.

Subitamente, alguém força a porta da frente. Como havia alunos sentados junto à entrada, a primeira tentativa

continua na página seguinte

foi infrutífera. Com a agressão, a curiosidade cedeu à surpresa. Logo em seguida, agora com truculência, a porta foi forçada a abrir, os alunos junto dela sentados foram brutalmente empurrados e um professor, carregando faixa com dizeres em vermelho, abriu espaço à invasão. Divisei mais dois docentes invadindo a sala de aula.

Foram poucos instantes, suficientes para que estivesse armada a confusão. Os limites foram quebrados a alguns alunos já se defrontavam aos professores piqueteiros trocando palavras ásperas.

Agora, levantei-me e fui acalmar meus alunos, justamente exaltados com o arrombamento. Pedi-lhes que se retirassem. Calmamente, cruzei olhares com aqueles jovens assustados e indignados; disse-lhes “vamos embora, não há mais condições de continuar a aula”.

Saímos pela porta dos fundos.

Efetivamente, tenho do que me envergonhar. Estou com vergonha de meus colegas, vergonha com o embaute físico e a exaltação em solo universitário. Estou com vergonha do exemplo da truculência e da falta de diálogo. Estou com vergonha de meus alunos, atônitos e indignados. “Que vergonha, professor!”: hino de auto-flagelação.

Realmente, estamos em crise. Crise de desespero em que a falta de democracia e de diálogo fazem com que professores estejam dispostos à violência e, quem sabe, ao terror, para se fazerem ouvir.

Sem racionalidade, sem legitimidade, com força e agressão. Por Deus, estes radicais são poucos, e não respeitam o ambiente universitário. Percebo prazer no magistério, gosto de meus alunos, gosto de Economia.

Sempre estive disposto a colaborar com o aperfeiçoamento dos cursos, do ambiente acadêmico, do desenvolvi-

mento intelectual dos alunos. Não vou deixar de apoiar qualquer medida que ajude a solucionar a crise financeira da PUC, efetivamente, já há algum tempo tenho lecionado para turmas infladas, sem apoio de audiovisual, sob calor excessivo e ruídos desnecessários, subsidiando cursos deficitários e salários de colegas que de há muito não abrem um livro para se atualizar nas matérias que lecionam.

Fica meu ato de repúdio, desta forma, consignado. Junto com ele, minhas desculpas aos alunos que vêm na PUC um campo de discussão aberta, livre mas responsável. Alunos que pintam suas faces com o verde e amarelo, que têm esperança e vontade de aprender e se qualificar. Desculpo-me, em nome dos colegas que comigo compartilham do amor à academia e ao magistério. Que vergonha! O que estão ensinando estes professores???

Roland Veras Saldanha Jr. é professor do Departamento de Economia

RUBENS SAWAYA

Uma manifestação para defender os direitos de todos nós

Manifestações são feitas exatamente para incomodar. Se não incomodam, se não causam impacto algum, se não atrapalham o fluxo natural das coisas, não podem modificá-lo, não cumprem seu objetivo, que é interferir em sua trajetória, transformá-lo.

Demover os professores de sua apatia era um dos objetivos da manifestação realizada dia 12/11. Claro que, em manifestações, podem ser cometidos excessos, principalmente diante daqueles que se beneficiariam dela mas não a apóiam ou procuram impedir seu movimento. Tenho certeza de que nenhum dos participantes daquela manifestação estava interessado em entrar em embate com qualquer colega, mas a sensação de “estou fazendo este papel por você e você me trata como um moleque intruso em sua aula” talvez exalte alguns mais sensíveis.

Naquele dia, os manifestantes estavam entrando em todas as salas – claro, muitas vezes sem pedir permissão –, era uma MANIFESTAÇÃO, afinal! Aqueles que estavam dando aula, já por su-

posto não estavam apoiando o dia de paralisação marcado e decidido em assembléia. Entraram em todas as salas. Em algumas, os professores não gostaram muito, mas apenas em duas (friso bem!) houve problemas: as do professor Troster e do professor Roland, como já tornou-se público.

Tratava-se de uma manifestação normal, como tantas outras que já vi em 20 anos de PUC, claro, com o objetivo óbvio de causar impacto e assim retirar o sentimento de apatia que tem impedido entre determinados professores diante dos problemas que vivemos. Era uma manifestação para dizer “venham, vamos discutir o que fazer”, inclusive com assembléia marcada para o dia seguinte, para avaliá-la.

Por isso, é um erro a forma de repúdio dos professores Roland e Troster contra o movimento, e eu não gostaria que esta aparecesse como uma posição de nosso Departamento, em nosso nome. Ao contrário deles, eu estava acompanhando a manifestação. Não invadi classe alguma, mas presenciei o ocorrido.

Houve excessos, mas apenas em duas classes. Em uma delas, o professor não permitiu a entrada da manifestação, como vinha ocorrendo em todas as demais, inclusive naquelas em que o professor simplesmente voltava a dar aula; na outra, o ato foi resultado de um pequeno bate-boca. Os manifestantes não gostaram muito do tratamento que receberam, como se fossem “moleques” fazendo bagunça sem sentido. Eram adultos, alguns doutores, com anos de casa, professores com produção acadêmica reconhecida, com artigos publicados, e estudantes do pós, divulgando através de uma MANIFESTAÇÃO o seu descontentamento. Não eram repetidores de manuais ou operários do ensino que apenas dão aula na PUC. Foi uma manifestação decidida por antecipação e, se alguns professores não sabiam dela, podiam pelo menos respeitá-la, dado que está apenas procurando soluções para defender os direitos de todos nós.

Rubens Sawaya é professor do Departamento de Economia

O que estão ensinando estes professores?

Hesitei em redigir esta carta por vários motivos, entre eles pela minha inapetência por polêmicas, no geral, estéreis. Mas, à medida que o texto do professor Roland ganhou espaço público e chegou ao meu conhecimento, achei impossível não tornar públicas também as minhas posições:

1. Questões de estilo à parte, pareceu-me genuína sua indignação por ver cerceado o seu direito de dar aula, digo, de vender sua força de trabalho (acadêmica, mas força de trabalho de qualquer forma) em condições inadequadas: sala lotada, calor excessivo, barulho e salários atrasados e parcelados;

2. Questões de estilo à parte, pareceu-me verdadeiro seu espanto frente ao comportamento de certos professores que, não se esquecendo de que não são apenas “missionários do saber científico”, mas assalariados que, diante de uma crise longamente anunciada (e não efetivamente enfrentada por aqueles que foram eleitos pela comunidade acadêmica) e de reiterados atrasos do pagamento, valem-se de artifícios que há pelo menos três séculos têm sido usados pelos trabalhadores para reivindicar e exigir direitos: paralisação (também conhecida como greve) e piquetes. Meus parcos conhecimentos de História Social me fazem lembrar que assim foram conquistados direitos como férias (aquele período que a gente anseia ao final de cada semestre), descanso semanal re-

munerado, pagamento de horas extras e tantos outros que, diga-se de passagem, a tal flexibilização e o império do mercado estão pondo por terra;

3. Questões de estilo à parte, pude perceber seu genuíno temor frente à possibilidade de que ficasse comprometido o “respeito ao ambiente universitário”, pela atuação de uns tantos quantos professores exaltados. Certamente, sua preocupação quanto ao comprometimento do ambiente universitário diz respeito, também, ao medo quanto ao fim de alguns cursos “subsidiados”, caso vença a lógica do mercado. Refiro-me à Filosofia, à História, à Geografia, às Ciências Sociais. Sei que você sequer cogita esta possibilidade, pois, afinal, somos uma universidade e, como tal, todas as áreas do conhecimento devem ser contempladas, não é mesmo?;

4. Questões de estilo à parte, imagino também que a força de sua indignação pelo fato de subsidiar “colegas que de há muito não abrem um livro para se atualizar nas matérias que lecionam” está relacionada com o número expressivo de colegas dos cursos “não-deficitários”, como o nosso, que há muito não renovam seus “manuais”, que empobrecem a boa ciência e subestimam a inteligência do aluno – refiro-me aos manuais porque, no geral, é praticamente o único material de que muitos se valem para “preparar” suas aulas;

5. Questões de estilo à parte, não há como deixar de compartilhar com sua indignação frente à possibilidade de a PUC deixar de ser um campo aberto de discussão livre e responsável. E falando em responsabilidade, você me fez lembrar que os tais “alunos que pintaram a face de verde e amarelo” fizeram um barulho danado, alguns anos atrás, para derrubar um sujeito que abriu caminho ao descaso e à destruição da *res publica* em níveis intoleráveis, até para um país de tradição patrimonialista como o nosso;

6. Questões de estilo e de visão de mundo à parte, estou com você e não abro: desculpo-me em nome de colegas que compartilham o amor à academia e ao magistério. Que vergonha, professor! Não fortalecer os órgãos de representação e nem forçar uma discussão efetiva (não palanqueira) da crise e o encaminhamento de soluções que fortaleçam a autonomia universitária, a qualidade do ensino, da pesquisa, do nosso trabalho. Não discutir e apresentar alternativas que exorcizem soluções simplistas dos cortes horizontais que nos levem à vala comum do ensino mercantilizado.

Você tem toda razão: que vergonha professor! O que estão ensinando estes professores????

Rosa Maria Vieira Berriel é professora do Departamento de Economia

JASON BORBA

Intervir democraticamente nos destinos da PUC

Aproveitando aquilo que pode ser o início de uma proveitosa e necessária discussão entre os professores do Departamento de Economia, solidarizo-me com o professor Roland no caso dos eventuais cerceamentos de que tenha sido vítima, mas tendo a concordar com a manifestação da professora Rosa Berriel.

Em toda mobilização, das mais diversas categorias profissionais em defesa de seus direitos e interesses – e não foram poucas aquelas das quais participei, aqui mesmo dentro da PUC –, incidentes são inevitáveis. Devem ser, até onde seja possível, previstos e evitados pelos organizadores dessas mobilizações e por cada participante. Ainda assim, sua efetiva ocorrência deve ser analisada por todos os envolvidos, em todos os seus aspectos, sem jamais abstrair seu contexto mais amplo. No caso específico, trata-se da atual crise da nossa univer-

sidade e da nossa própria conscientização, discussão, debate e ações, seja no plano individual, seja, preferencialmente, no coletivo. Temos várias instâncias através das quais nós, professores, podemos estar engajados conjuntamente nesse esforço: os diferentes níveis dos órgãos colegiados e a nossa APROPUC.

Que essa oportunidade não nos escape, e possamos nos preparar para intervir democraticamente, do modo mais coeso e organizado possível, nos destinos da PUC-SP, que, ao que tudo indica, está adentrando uma das piores crises, senão a pior de toda a sua história.

Essa crise irá coincidir com a eleição do reitor, no próximo ano. Essa crise, que não é somente e simplesmente uma crise específica da PUC-SP, reverbera no nosso complicado contexto interno, configurando-se numa crise muito mais ampla. Isso,

longe de nos levar ao imobilismo, deve conduzir-nos à eficaz reflexão e ação conjuntas a respeito das estratégias mais adequadas para enfrentá-la, sem comprometer a integridade e as perspectivas do desenvolvimento da nossa universidade. Nossos alunos e a própria sociedade certamente gostariam de ver o nosso sucesso nesta empreitada!

Avalio, no que toca à questão mais emergencial de nossos saldos bancários, que, embora estejamos para encerrar o período letivo deste ano especialmente desgastante, em nossas justas e merecidas férias deveremos estar atentos para a situação financeira da nossa universidade e para as formas e canais através dos quais, muito provavelmente, seremos chamados a nos manifestar.

Jason Borba é professor do Departamento de Economia

ROBERTO LUIS TROSTER

O fim não justifica os meios

Venho me solidarizar com meu colega Roland. Na mesma noite, eu também tive a minha sala invadida, e até rabiscaram minha explicação na lousa. Solidarizo-me com o manifestantes nas suas reivindicações, que também são do professor Roland e minhas, mas repudio suas ações.

O fim não justifica os meios. Não foram incidentes eventuais, foram reais e inaceitáveis para uma universidade que sempre se destacou por ser um ambiente de liberdade e pluralidade, e não de libertinagem e intolerância.

Foram cometidos excessos, e espero dos responsáveis desculpas aos alunos do professor Roland, aos meus e a nós dois. Um erro – o objeto da manifestação – não justifica outro – os excessos. Neste momento crítico, temos de deixar claro o que é certo e errado aos nossos alunos. Não devemos ser cúmplices passivos.

Temos de trabalhar juntos por uma PUC melhor, mas para isso não pode-

mos destruir o que queremos melhorar.

É preciso aclarar alguns pontos:

a) o objetivo da manifestação estava correto, e eu o apóio – o que não está certo é o meio. O fato de não aderir a um tipo de manifestação não significa que o movimento não tem meu apoio. Tenho o direito, e não a obrigação de aderir;

b) o erro dos manifestantes tira força das reivindicações, ao invés de aumentá-la. Queremos melhorar ou bagunçar?

c) pode ter havido problemas em mais salas, mas apenas eu e o professor Roland reclamamos;

d) a apatia é, realmente, um problema gravíssimo na universidade;

e) apática é a posição de não reclamar. Todos convivemos com muitos problemas, e não reclamamos. Por exemplo, a questão da segurança. Por que não havia um segurança presente no momento dos incidentes? Alguém justamente para evitá-los e registrar

os que eventualmente ocorressem. A questão da segurança é emblemática na PUC. Mas somos todos cúmplices apáticos; eu inclusive.

Roberto Luis Troster é professor do Departamento de Economia

EDISON NUNES

Por um debate aberto sobre a crise

A comunidade necessita urgentemente de um debate aberto público e transparente sobre as alternativas viáveis para a PUC, bem como do apoio coletivo e organizado para sua implementação. Esperamos da APROPUC mais protagonismo na direção assinalada.

Edison Nunes é diretor do Centro de Ciências Humanas

Sobre a edição do *PUCviva* de 17 de novembro

O boletim *PUCviva* é um instrumento político das associações de professores e funcionários. Como veículo jornalístico, porém, não pode deixar de tomar cuidado com as notícias que publica. Interpretações diferentes do mesmo fato são comuns e até alimentam a democracia; o que não se pode, porém, é transmitir informações erradas aos leitores.

É exatamente por causa dessa responsabilidade do *PUCviva* para com seus leitores que solicitamos a correção de algumas informações divulgadas na edição 466, de 17/11/2003, do boletim.

O artigo "Reitoria responde aos professores: nada de novo" traz inverdades em seu último parágrafo. O texto diz: "ao final, foi concedida a palavra à representação estudantil, para que os alunos questionassem a Reitoria. Po-

rém, a direção da universidade retirou-se pouco antes que os alunos tomassem a palavra, o que provocou o protesto dos estudantes".

O protesto estudantil não foi motivado pela ausência da Reitoria ou por qualquer ato desta, e sim pela divulgação ambígua do evento pela direção da APROPUC, que convidou "setores da universidade". O que, do ponto de vista dos estudantes, permitiu o entendimento de que teriam palavra e a interlocução aberta.

A coordenação do evento não era de responsabilidade da Reitoria. A Reitoria esteve presente a convite e por tempo superior ao combinado com a APROPUC.

As afirmações contidas nesta carta têm como base a gravação de toda a reunião realizada na noite de 13/11/2003.

Reitoria da PUC-SP

Nota da Redação: É importante esclarecer os fatos de forma a não criar ambigüidades quanto à manifestação dos estudantes ao final do encontro com a Reitoria no dia 13/11. Se, por um lado, houve manifestações contrárias ao encaminhamento dado pela direção da APROPUC em relação à abertura da palavra aos estudantes, elas foram motivadas principalmente pela ausência de uma discussão anterior que explicitasse as normas para a participação estudantil no encontro.

O que não podemos omitir é o fato de que, ao ser aberta a palavra a um representante dos alunos, a Reitoria retirou-se, entendendo que o debate chegara ao fim – e deixando de ouvir o que os alunos tinham a dizer. Se o texto da Reitoria vem solicitar a correção de informações, ao mesmo tempo não esclarece os fatos tal como se deram. Uma rápida verificação na gravação do encontro confirmará o teor das palavras-de-ordem proferidas pelos estudantes no momento da saída dos representantes da direção da universidade.

Consun volta a discutir crise da PUC

A crise financeira da universidade voltou à pauta do Conselho Universitário (Consun) na reunião de quarta-feira, 26/11. Na discussão, sem muitas novidades, a Reitoria insistiu na adoção de “medidas de ajuste” – nas palavras do vice-reitor administrativo, Eduardo Moreira – para 2004, mas não chegou a especificá-las.

Por outro lado, a direção da universidade apresentou um documento pontuando alguns temas para discussão dentro do Conselho, procurando fazer avançar o debate sobre a crise. Os pontos destacados pela Reitoria referem-se principalmente a parcerias e convênios, ocupação de vagas ociosas, revisão do oferecimento de cursos de baixíssima procura, criação de cursos fora dos câmpus existentes e crescimento da pós-graduação.

“Precisamos enfrentar as discussões sem dogmas e sem preconceitos”, afirmou o professor Antonio Carlos Ronca, questionando a viabilidade e a função social de cursos com 50

vagas e menos de dez alunos matriculados. O reitor informou ao Consun que estão sendo feitos contatos com alguns colégios, para eventualmente usar salas de aula fora da PUC para alocar novos cursos.

O professor Eduardo Moreira voltou a frisar que a economia com fornecedores e o “aperfeiçoamento” da cobrança de mensalidades atrasadas – que inclui contatos telefônicos – foram os principais responsáveis pela redução da perspectiva de déficit de R\$ 17 milhões para R\$ 6,9 milhões ao final de 2003. Segundo ele, ainda existem R\$ 8,5 milhões em mensalidades atrasadas, acumulados apenas durante este segundo semestre. Nas próximas reuniões, o Consun deve discutir efetivamente os temas sugeridos pela Reitoria.

Sindicância na Marquês

A comissão sindicante que avaliou o caso dos professores responsáveis pela não-inscri-

ção de alunos do curso de Matemática no Provão de 2001, e pela criação de um cursinho preparatório para o exame do Ministério da Educação, decidiu pelo arquivamento do processo.

A atitude dos professores foi considerada como “ação de boa fé, apesar de equivocada e precipitada”, e julgou-se não haver sido causado prejuízo aos alunos. Na visão da comissão sindicante, o curso criado na Marquês não atrapalhou o andamento regular das aulas, e visava compensar conteúdos defasados, já que as disciplinas regulares têm ênfase na informática.

Professora emérita

Na mesma sessão do Consun, foi aprovada por aclamação a proposta de conceder o título de professora emérita a Maria Antonieta Alba Celani, da Comfil. O título será outorgado em sessão solene do Conselho, no dia 17/12.

Professor

Associe-se à APROPUC

A Associação dos Professores da PUC-SP - APROPUC/SP, está iniciando uma campanha de filiação para aqueles professores que ainda não são associados.

Para filiar-se, o docente poderá enviar uma mensagem para o endereço eletrônico apropuc@sanet.com.br, ou preencher pessoalmente o formulário na sede da entidade, Prédio Velho, sala P-70, campus Monte Alegre, autorizando o desconto mensal de 1% em folha de pagamento.

Entidades promovem ato público contra pena de morte e punições

O Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol) da PUC, junto com a APROPUC, o CA de Ciências Sociais, o Comitê Contra a Repressão e várias outras entidades promovem, nesta segunda-feira, 1.º/12, às 19h, no Pátio da Cruz, um ato público contra a pena de morte, punições e prisões.

O ato, nomeado Viver a Vida, é uma resposta à crescente onda de

ressentimento manifestada por vários setores da sociedade, em função da grande repercussão de recentes atos de violência.

Segundo o manifesto das entidades, “não desconhecemos a crueldade em cada ato violento, a dor de cada pessoa envolvida. Mas não admitimos transformar a pena de morte disseminada na sociedade em legalidade. Que-

remos debater publicamente outras maneiras de lidar com a violência, quando ninguém mais desconhece que a prisão é uma escola do crime”.

O ato pretende demonstrar que, enquanto existem setores que defendem punições e outras soluções violentas para os problemas atuais, outras pessoas propõem-se ao diálogo para encontrar soluções.

EVENTOS

Debates e show lançam campanha contra o racismo

A Campanha Nacional de Combate ao Racismo foi lançada em São Paulo na semana passada. Para marcar esse lançamento, seus organizadores (entre eles a Faculdade e o Centro Acadêmico de Serviço Social) promoveram a realização de uma série de debates na PUC, nos dias 24 e 25/11.

Participaram das mesas nomes como a ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a secretária municipal Aldaísa Sposati, o cônsul geral da África do Sul, Derick Moyo, além de outros representantes de todas as esferas governamentais e de entidades de combate ao racismo.

No show de encerramento, dia 27/11, no Tuca, vários artistas ressaltaram a questão do racismo em suas composições. Estiveram presentes, entre outros, o conjunto A Quatro Vozes, Zulu de Arrebata, Lia Jones e os integrantes do Clube Caiubi de Música, Max Gonzaga, Liz Rodrigues, Malungo, Nenê Nogueira,

William Vasconcelos e Rafael Iasi.

A campanha continua e já está em processo de formação um comitê estadual que, durante o prazo de um ano, realizará reuniões mensais na

perspectiva de mapear o andamento de políticas voltadas aos grupos de afrodescendentes e outros que sofrem discriminação social, discutindo novas formas de pressão.



FOTOS: ALCIA PERES E LEANDRO DIVERA



Acima dois momentos do show de encerramento da Semana: o grupo A Quatro Vozes (esq) e a bailarina do grupo Okum. Ao lado, a mesa que discutiu políticas públicas de combate ao racismo

Rola na rampa

Debate aborda rumos da esquerda brasileira

O debate **As Transformações do PT e os Rumos da Esquerda no Brasil** vai reunir os professores **Valério Arcary, Marcos Del Roio (Unesp) e João Machado (PUC-SP)**, além do presidente nacional do PSTU, **José Maria de Almeida**, com coordenação do professor **Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida**, do Departamento de Política. Após a discussão, será lançado um livro sobre o tema, trazendo entrevistas com militantes de esquerda como **Babá, Luciana Genro** e os próprios **Arcary e Zé Maria**. O evento foi organizado pelo Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (Neils), e acontece na próxima segunda-feira, 8/12, às 19h30, no auditório 333 (3.º andar do Prédio Novo).

Evento premia Iniciação Científica

Uma cerimônia vai premiar as melhores pesquisas apresentadas no 12.º Encontro de Iniciação Científica (ocorrido em 22/10), nesta terça-feira,

2/12, às 19h30, no Tuca. Durante o evento, haverá intervenções teatrais do ator **Oswaldo Mendes**, do Projeto Arte e Ciência no Palco.

Fome Zero é tema de mesa-redonda

O programa **Fome Zero** vai ser o tema do último encontro do ciclo de debates **Questão Social: Pobreza e Desigualdades Sociais**, nesta segunda-feira, 1.º/12, às 19h, no Tuca. Estarão presentes à mesa

Frei Betto, Maria Carmelita Yazbek e Rosalina Santa Cruz Leite. A organização do ciclo é do pós em Serviço Social, da Faculdade de Serviço Social e do Instituto de Estudos Especiais (IEE) da PUC.

Palestras analisam Alca e União Européia

Duas palestras vão abordar a integração entre países nesta quinta-feira, 4/12, às 19h30, no auditório 239 (2.º andar do Prédio Novo). O professor e diplomata **Luiz Alberto Moniz Bandeira** apresenta a primeira, com o tema **A Alca e a Difícil Integração do Brasil e da América Do Sul**. A segunda, **Problemas da Integração dos Países do Centro-Leste à**

União Européia fica a cargo da professora e economista polonesa **Urszula Zulawska**. Os dois eventos foram organizados pelo Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional (Naci) e pelo Núcleo Moeda e Crédito, além do Departamento de Economia e do curso de especialização **Economia Social e Desenvolvimento – América Latina**.

Professores lançam livro na Marquês

Professores do pós em Educação Matemática reuniram-se para elaborar a obra **Aprendizagem matemática: registros de representação semiótica**, com a coordenação da professora **Silvia Dias Alcântara Machado**. O livro vai ser lançado num coquetel com a presença dos autores, nesta segunda-feira, 1.º/12, às 16h, na Livraria do Campus (andar térreo do prédio da Marquês). Informações: 3151-6740.

Panetones em promoção na AFAPUC

A partir de 10/12, estarão à venda na sede da AFAPUC (sala 02CA, corredor da Cardoso) panetones e outros quitutes de Natal das marcas **Visconti e Bauducco**, com preços promocionais. Informações: 3670-8208.

6.ª Semana de Gerontologia

Os 450 anos de São Paulo deram origem ao tema da 6.ª Semana de Gerontologia da PUC: **O Envelhecer na Metrópole – Perspectivas Públicas Urbanas**. Os eventos da Semana acontecem de 3 a 5/12, no auditório 333 (3.º andar do Prédio Novo). Entre diversos debates e conferências, será lançado o catálogo de produções do pós em Gerontologia, e trabalhos do programa vão ser expostos entre 2 e 5/12 no saguão da Biblioteca Central.